

OS ESTUDOS DE CORTESIA LINGÜÍSTICA SOB UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO

Lara Oleques de Almeida¹

Doutoranda no PPG em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Mariana Santos de Andrade²

Doutoranda no PPG em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO: Com base nos aportes da Historiografia Linguística, este artigo tem como objetivo examinar como a cortesia surge como objeto de estudo científico e como, desde Brown e Levinson (1978, 1987), bem como seus antecessores, uma teoria da cortesia vem se constituindo historicamente, em movimentos de continuidades e descontinuidades com relação a saberes anteriores. Para tanto, a principal abordagem metodológica adotada é o conceito de camadas proposto por Pierre Swiggers (2004, 2010), com destaque para as camadas técnica e teórica. A partir desse viés, será pontuado como a história desse campo de especialidade – cortesia linguística – vem sendo construída desde a década de 1970, constituindo-se por meio de rupturas nessas camadas.

Palavras-chave: Historiografia Linguística. Pragmática. Cortesia linguística. Brown e Levinson

Introdução

A cortesia é um dos grandes princípios que regulam as relações humanas em sociedade por meio de mecanismos interacionais que visam ao equilíbrio dos relacionamentos interpessoais, já que a sua ausência ou inadequação pode colocar em risco o bom andamento da interação ou, até mesmo, da relação social entabulada entre as pessoas. O presente trabalho pretende lançar um olhar historiográfico sobre a cortesia que contribua para melhor situar e compreender em que ponto da história das ideias linguísticas³ esse fenômeno surge como objeto de estudo científico, quais as abordagens linguísticas e filosóficas influenciaram o seu estudo e quais as revisões e críticas se desenvolveram às propostas teóricas iniciais.

Como veremos, os estudos de cortesia (ou *polidez*)⁴ nascem no âmbito da Pragmática e o primeiro e mais completo arcabouço teórico para tratar o tema foi a chamada Teoria da Polidez, desenvolvida pela linguista norte-americana Penelope Brown (1944-) e pelo linguista

¹ Endereço eletrônico: lara.oleques@gmail.com

² Endereço eletrônico: mariana_s.a@hotmail.com

³ Usamos o termo *história das ideias linguísticas* no sentido de "história do conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas" (BATISTA, 2017, p. 20), sem entrarmos em divergências teóricas e históricas que o termo poderia suscitar no contexto brasileiro.

⁴ No âmbito do presente trabalho, os termos *cortesia* e *polidez* são considerados sinônimos, mas usamos preferencialmente *cortesia*, para evitar confusões terminológicas. No entanto, há autores que fazem diferenciações entre os termos (a exemplo de KERBRAT-ORECCHIONI, 2004, p. 41), inclusive em razão da etimologia diversa que ambas as palavras possuem (VILLAÇA e BENTES, 2008, p. 19-48).

inglês Stephen Levinson (1947-)⁵, no ano de 1978 (revisada em 1987). Esse trabalho foi pioneiro e, ainda hoje, a despeito das inúmeras críticas, influencia grande parte (se não a maioria) dos estudos sobre cortesia de que se tem notícia.

A literatura aponta que o modelo teórico que constitui “o quadro referencial mais sofisticado” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 77) nos estudos da cortesia, o “mais famoso, mais explorado [...] e, conseqüentemente, o mais criticado” (2004, p. 41) é o desenvolvido por Brown e Levinson (1987 [1978]). Tal modelo apresenta dois grandes objetivos básicos: por um lado, ampliar o modelo de Grice (1975), no que se refere ao princípio de cooperação, ocupando-se dos aspectos sociais e racionais da comunicação; por outro, ampliar o modelo de imagem social (face) criado por Goffman (1967).

A visão historiográfica que lançamos sobre as ideias linguísticas pertinentes aos estudos de cortesia é apenas um recorte, pois essa perspectiva de análise refuta a ideia de história linear, segundo a qual uma ideia mais nova destrói a anterior, porque entendemos que a história linguística é construída pelas idas e vindas de paradigmas e teorias que se renovam e se complementam, morrem e renascem com as rupturas e confluências da história.

A história das ideias linguísticas sobre a cortesia, portanto, poderia ser contada de várias maneiras (como, de resto, outras histórias do pensamento linguístico), tal a abundância de estudos, dentro das mais diferentes tradições, que se desenvolveram, principalmente, a partir da Teoria da Polidez, mas também antes dela. De forma específica, o recorte deste trabalho privilegia os estudos de maior influência nos estudos ocidentais sobre cortesia que surgiram a partir da teoria desenvolvida por Brown e Levinson e que com ela estabeleceram uma linha de ruptura mais evidente, de forma a questionar seus conceitos básicos, revisando-os e ampliando-os. Nesse sentido, importará, igualmente, traçar algumas linhas sobre os antecedentes filosóficos e linguísticos que influenciaram a elaboração da Teoria da Polidez, o mais importante estudo sobre cortesia linguística desenvolvido no século XX.

O trabalho de Brown e Levinson, que tratou da cortesia enquanto objeto de estudo científico, assume, no contexto da Pragmática, uma relação de descontinuidade com a tradição dos estudos linguísticos em vigor a partir da abordagem estruturalista de Ferdinand de Saussure (1857-1913). No intuito de recuperar as dimensões da língua não consideradas pelo paradigma estruturalista é que se estabeleceu a Pragmática (ALTMAN, 1998, p. 32), cuja visão de língua está atrelada ao seu uso, para além de sua estrutura. Assim, os estudos de cortesia linguística podem ser chamados de pós-estruturalistas, resultado de um percurso histórico ao longo do qual

⁵ Penelope Brown e Stephen C. Levinson são um casal de linguistas com formação em Antropologia Linguística, dentre outras áreas, tendo estudado com John Gumperz. Penelope Brown é norte-americana e Stephen Levinson é inglês; ambos atuam junto ao Instituto Max Planck de Psicolinguística, da Universidade de Nijmegen, Holanda.

a língua passou a ser concebida como discurso, e não apenas como sistema estruturado de regras.

Nesse caminho, fenômenos como a cortesia foram sendo compreendidos e estudados sob uma perspectiva interacional (BATISTA, 2017, p. 29). Contudo, importa dizer que esse movimento da língua ao discurso em sua dimensão interacional obviamente não foi absorvido de imediato pelos estudos de cortesia surgidos nos primeiros estágios da Pragmática, a exemplo da Teoria da Polidez. Esse movimento histórico foi paulatino e circular, com idas e vindas, avanços e retrocessos típicos da construção de um saber científico cujos contornos foram sendo definidos ao longo do tempo pelas diferentes subáreas que foram se formando dentro da Pragmática.

Uma abordagem metodológica para os estudos historiográficos

A partir da década de 1970, o campo da Historiografia Linguística cresceu, especialmente na Europa e, ao longo das duas últimas décadas, nas Américas, conquistando novos pesquisadores⁶. Tendo isso em vista, fez-se necessário o desenvolvimento de um suporte metodológico que desse conta da análise historiográfica.

Considerando a definição desse ramo, Swiggers (2010) explica que se trata do estudo do curso da linguística como ciência, levando em consideração fatores intradisciplinares (desenvolvimento como disciplina) e extradisciplinares (fatos relevantes para o surgimento de teorias) que atuam entre a Linguística e a História. Dessa forma, em suma, "a historiografia linguística oferece uma descrição e uma explicação da história contextualizada das ideias linguísticas" (SWIGGERS, 2010, p. 2).

Mais do que uma descrição da história, a Historiografia busca retratar de forma argumentativa um traçado dos fatos que envolvem a organização de teorias linguísticas, à procura de respostas a respeito de como essas teorias surgiram, como foram difundidas e/ou preservadas e quais relações de poder e influência as permeiam. Em outras palavras,

[...] o historiógrafo pode chegar a interpretações que evidenciam como as ações da conduta investigativa na ciência relacionam-se em cadeia implicativa, na qual um posicionamento conduz a outro, ao mesmo tempo em que anula aqueles que se circunscrevem a outras esferas sociais de prática científica e/ou intelectual (BATISTA, 2016, p. 302).

⁶ Swiggers (2010, p. 1) destaca as seguintes publicações: *Historiographia Linguistica* (1974); *Histoire, Épistémologie, Langage* (1979); *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (1991).

Para o desenvolvimento de uma abordagem metodológica, Swiggers (2004) propõe pensar esse conhecimento de uma maneira conjunta na qual se podem identificar quatro camadas, sendo uma teórica, uma técnica, uma documental e uma contextual-institucional. A primeira camada corresponde a uma visão global da linguagem, bem como a elaboração do status da linguística; a segunda abrange técnicas de análise dos métodos de exposição de dados apurados; a terceira corresponde à documentação linguística na qual se baseiam os estudos, tais como número de línguas, tipos de falante e fluência, entre outros dados relevantes para análise; a quarta camada, por fim, compreende o contexto cultural e institucional de reflexão e práticas linguísticas (SWIGGERS, 2004, p. 6).

Assim, neste artigo, buscaremos avaliar a organização científica da cortesia como fenômeno linguístico a partir das camadas propostas por Pierre Swiggers. Por se tratar do estudo do desenvolvimento de uma teoria, serão privilegiadas as camadas teórica e técnica.

A Pragmática

A partir da década de 1960, os estudos linguísticos voltaram-se para a reflexão sobre o uso da linguagem (ALLAN, 2013; KOERNER e ASHER, 1995; NERLICH e CLARKE, 1996), de modo que hoje podemos dizer que a Pragmática estuda a língua em uso (BATISTA, 2012, p. 49; PINTO, 2012, p. 55).

O sujeito na linguagem, como falante concreto inserido numa dada cultura e situação, descartado pela teoria saussuriana, foi trazido para o centro das atenções pela Pragmática⁷, com a Teoria dos Atos de Fala de John Austin, proposta nos anos 1960. Essa área da Linguística se estabeleceu em linha de descontinuidade com o paradigma estruturalista e pode ser dividida em duas tradições principais: a europeia (abordagem mais ampla da linguagem em sua dimensão funcional e discursiva) e a inglesa e norte-americana (abordagem filosófica da linguagem que privilegia temas como implicaturas, dêixis e atos de fala) (BATISTA, 2012, p. 50).

Dessas duas tradições, a que predominou foi a segunda em razão da enorme influência da Teoria dos Atos de Fala, cujo representante fundacional foi o filósofo inglês John Austin (1911-1960), com a publicação póstuma do livro *How to do things with words*, em 1962, cuja ideia básica é a de que a língua serve como meio de o sujeito agir no mundo, ou seja, o sujeito usa a língua para realizar diversas ações no mundo. O pensamento de Austin foi ampliado e

⁷ Além da Pragmática, a outra teoria linguística que, pioneiramente, incluiu o sujeito na linguagem foi a chamada Teoria Enunciativa (1956), de Émile Benveniste (1902-1976).

difundido pelo filósofo norte-americano John Roger Searle (1932-), que formulou uma taxonomia dos atos de fala em sua obra *Speech acts*, publicada em 1969.

No entanto, a linha de estudos em Pragmática que mais cresce atualmente segue a primeira tradição e é especialmente diverso (PINTO, 2012, p.59). Assim se justificam os inúmeros qualificativos acrescidos ao termo "Pragmática" – Pragmática Discursiva, Pragmática Social, Pragmática Conversacional, Pragmática Interacional, Pragmática Cognitiva, etc. Essa variedade de combinações terminológicas para nominar uma área de especialidade indica que a Pragmática acompanhou o principal e mais amplo movimento histórico empreendido pela Linguística do século XX: o que vai da língua enquanto sistema fechado e imanente em direção à língua enquanto discurso, sem abandonar a dimensão estrutural, mas renovando-a.

Os estudos de cortesia são exemplos desse movimento, que é historicamente circular, uma vez que muitos trabalhos ainda não incorporaram de forma orgânica a visão de língua como discurso e como interação, preferindo seguir o paradigma inicial instaurado pela Teoria da Polidez, dos primórdios da Pragmática, sem maiores críticas ou renovações interpretativas. Percebemos movimentos de ruptura com a Teoria da Polidez, de modo mais abundante e consistente, nos estudos em língua espanhola⁸.

A cortesia e a Teoria da Polidez

Como anunciado inicialmente, este trabalho privilegia os estudos de cortesia mais influentes que sucedem a Teoria da Polidez e com ele estabelecem rupturas significativas, além de destacar os estudos filosóficos e linguísticos que a antecedem, com vistas à melhor compreensão do percurso histórico do fenômeno da cortesia enquanto objeto de estudo científico, assim como das diferentes críticas que foram formuladas pelos estudos posteriores.

O modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]) está centrado na ideia de que a cortesia – que, aliás, não é definida pelos pesquisadores em nenhum momento – tem como objetivo a manutenção do equilíbrio social e engloba tanto o controle social interno (interação) quanto as relações competitivas externas com outros grupos (sociedade). Em outras palavras, a cortesia é um mecanismo retórico para convencer, obter um benefício interacional e, ao mesmo tempo, zelar pelas relações interpessoais e sociais ou evitar que estas sofram algum tipo de prejuízo (BRIZ, 2014, p. 84-5 e 2004, p. 67; BRAVO, 2003a, p. 101).

⁸ Dos estudos em língua espanhola originaram-se as críticas mais contundentes e consistentes à teoria de Brown e Levinson. Em língua portuguesa, em especial no Brasil, não se observa movimento semelhante.

Sobre a história das duas edições do trabalho de Brown e Levinson, podemos dizer que o livro *Politeness: some universals in language usage* (1987) é uma reedição de um extenso capítulo escrito no verão de 1974 (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 285) – "Universals in language usage: Politeness phenomena" – e publicado em 1978. Nessa segunda edição, os autores esclarecem, em nota, que tomaram conhecimento de novos estudos no campo da cortesia linguística, mas que o cerne da teoria permanece inalterado (p. 285), sendo que esses estudos são mencionados numa introdução⁹ de cinquenta páginas e são incluídos nas referências finais.

Além da introdução, consta da segunda edição uma dedicatória à memória de Erving Goffman, que tinha falecido em 1982 e de quem Brown e Levinson tomaram a noção de face, reconhecimento que ficou registrado nessa introdução, frente às raras menções ao sociólogo canadense feitas no capítulo da edição de 1978.

Principais antecedentes da Teoria da Polidez

São três os estudos que introduziram a cortesia como objeto de estudo, um fenômeno linguístico que abriu uma área de pesquisa nova no âmbito da Pragmática: o ensaio *The logic of politeness*, de 1973, de autoria de Robin Lakoff (1942 -); o livro *Politeness. Some universals in language usage*, de 1978 (reeditado em 1987), elaborado pelo casal Penelope Brown (1944 -) e Stephen Levinson (1947 -); e o trabalho *Principles of pragmatics*, de 1983, de autoria de Geoffrey Leech (1936-2014).

Esses trabalhos são considerados pioneiros e exercem, até hoje, influências nas pesquisas de cortesia, não só no mundo ocidental, mas também no oriental. No entanto, o estudo mais robusto e que, sem dúvida, exerceu e segue exercendo a maior influência teórica nos estudos de cortesia é a chamada Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987 [1978]). Como se pode notar, o ensaio de Lakoff (1973)¹⁰ é anterior à primeira edição do trabalho de Brown e Levinson (1978) e, como estes fazem referência expressa a esse ensaio, podemos considerar que Lakoff é antecedente da Teoria da Polidez. Quanto ao trabalho de Leech (1983), podemos considerá-lo como contemporâneo, em que pese Brown e Levinson tê-lo

⁹ Por exemplo, Sperber e Wilson, 1982, 1986; Leech, 1983; Horn, 1984 (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 1-50), todos herdeiros de Grice e Goffman, ou seja, são estudos que seguem uma linha de continuidade com relação à Teoria da Polidez. Porém, os autores deixam claro que estão cientes de algumas críticas à sua teoria e mencionam, ainda, alguns trabalhos que seguem uma linha de descontinuidade com a sua Teoria da Polidez, como, por exemplo, o trabalho de Wierzbicka (1985), que pesquisou a cortesia em línguas eslavas e concluiu que os atos ameaçadores da face não têm correspondência entre todas as línguas e culturas, como o inglês e o polonês, por exemplo.

¹⁰ Vários trabalhos de Lakoff são incluídos nas referências bibliográficas do texto de Brown e Levinson de 1987.

incluído nas referências finais da segunda edição (1987). Ocorre que o texto da segunda edição não sofreu nenhum reparo significativo se comparado ao da primeira, conforme já anunciamos, ou seja, a Teoria da Polidez foi concebida em 1978 e constitui um antecedente ao estudo de Leech (1983)¹¹, não o contrário. Por se tratar de avanços que contemplam uma visão do funcionamento da linguagem, de acordo com a proposta de Swiggers (2004), a Historiografia Linguística entende essas abordagens como parte da camada teórica.

A primeira teoria da cortesia é, pois, elaborada por Lakoff (1973), que, assim como Brown e Levinson, partiu do pensamento do filósofo inglês Herbert Paul Grice (1913-1988), ainda dentro da camada teórica, cuja obra, em especial o trabalho de 1975¹², é um importante antecedente para a Teoria da Polidez, em linha de continuidade, bem como para várias outras teorias pragmáticas.

Grice (1975) desenvolveu a noção de implicaturas conversacionais, que dividiu em dois tipos: as convencionais, geradas dentro do âmbito da linguagem, e as conversacionais, geradas por meio do contexto extralinguístico. A partir da segunda implicatura, o filósofo propôs o princípio de cooperação, que, em síntese, observa ao falante que "faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado" (GRICE, 1982 [1975], p. 86).

Esse princípio é concretizado em quatro máximas conversacionais: máxima da quantidade (seja informativo), ou seja, o que o falante diz deve conter a quantidade de informação necessária, de acordo com o processo comunicativo; máxima da qualidade (seja verdadeiro), que indica que o falante não deve dizer o que considera ser mentira; máxima da relação (seja relevante), que indica que o falante não deve fugir ao tema e máxima do modo (seja claro), que indica que o falante deve evitar ambiguidades e ser coerente (GRICE, 1982 [1975]).

Lakoff (1973), por sua vez, sugeriu que o princípio da cortesia é constituído por duas máximas: "seja claro" e "seja cortês". A segunda pressupõe submáximas, tais como "não se imponha", "dê opções" e "faça o outro se sentir bem". Segundo a linguista, não aderir a essas máximas e submáximas significaria não respeitar regras básicas de cortesia.

Tratar dos antecedentes da Teoria da Polidez não é tarefa fácil, pela complexidade dos aspectos envolvidos, ainda mais considerando que as matrizes filosóficas que deram suporte ao pensamento de Brown e Levinson não é tema corrente na literatura especializada.

¹¹ Em sua teoria, Leech (1983) manteve as máximas de Grice, mas acrescentou, ao lado do princípio da cooperação, o chamado princípio da cortesia, constituído por outras máximas, como tato, generosidade, modéstia, entre outras.

¹² Desde a primeira edição, Brown e Levinson citam Grice no texto e referenciam, ao final, vários trabalhos dele.

Em geral, a literatura cita dois antecedentes principais ao estudo de Brown e Levinson – Grice e Goffman. Como já dissemos, esse estudo teve dois grandes objetivos básicos: por um lado, ampliar o modelo de Grice (1975), no que se refere ao princípio de cooperação e, por outro, ampliar o modelo de face (imagem social) criado por Goffman (1967).

Os trabalhos do sociólogo canadense radicado nos Estados Unidos, Erving Goffman (1922-1982) contribuiu grandemente para o desenvolvimento da Pragmática, por descrever o funcionamento dos processos interacionais. Para tanto, comparou a vida social com uma cena de teatro, na qual os atores interpretam seus papéis de acordo com a situação em que estão inseridos.

Goffman (1967, p. 77) desenvolveu a noção de face (imagem), fundamental para os estudos de cortesia, que diz respeito ao "valor social positivo que uma pessoa reclama para si por meio daquilo que os outros presumem ser a linha por ela assumida durante um contato específico". Desenvolveu, ainda, a noção de trabalho de face ou atividade de imagem (*face-work*), entendida como "as ações realizadas por uma pessoa no sentido de que tudo o que ela faça esteja em harmonia com a sua imagem. A atividade de imagem serve para neutralizar 'incidentes', ou seja, eventos cujas implicações simbólicas efetivamente ameaçam a imagem" (GOFFMAN, 1967, p. 12, aspas do original).

Prevalece a camada teórica de Swiggers (2004) novamente, no momento em que Brown e Levinson fazem uma interpretação da teoria goffmaniana das faces e articulam-na com outras teorias filosóficas, como a de Durkheim e de Berlin, conforme veremos em seguida. Assim, é de se esperar que os conceitos de Goffman tenham sofrido modificações essenciais quando incorporados pela Teoria da Polidez. Uma delas está no entendimento da imagem como uma construção social (Goffman), e não como um atributo individual (Brown e Levinson). Esse maior individualismo deriva da tradição do liberalismo anglo-saxônico que, nesse sentido, atuou mais diretamente no pensamento de Brown e Levinson do que no de Goffman.

Importante observar que o pensamento de Goffman fora influenciado pelos estudos do filósofo e sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917), considerado um dos fundadores da Sociologia moderna, que inspiraram também o trabalho de Brown e Levinson, os quais, inclusive, o citam em diferentes passagens, sendo a segunda edição introduzida por epígrafe destacada de obra de Durkheim¹³. Essa segunda edição os linguistas dedicaram à memória de Erving Goffman e, na introdução, assumem a grande influência deste em seu trabalho, o que na edição original não havia sido tão evidenciado.

¹³ "A personalidade humana é uma coisa sagrada; ninguém se atreve a violá-la ou infringir seus limites, ainda assim, ao mesmo tempo, o maior bem está em comunhão com os outros (Durkheim 1915:299)" (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 1).

Na referida introdução, Brown e Levinson (1987, p. 43) dão a uma das seções o título de "Cortesia como ritual". A ideia de ritual advém da filosofia de Durkheim, que, de forma expressa (p. 44-45), os autores assumem como antecedente de seu estudo de 1978.

Em artigo que aprofunda a discussão sobre as ideias linguísticas e filosóficas que estão na raiz do pensamento de Brown e Levinson, o linguista espanhol José Portolés (2011, p. 228) informa que Durkheim publicou, no ano de 1912, a obra intitulada *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie*, única obra do sociólogo francês referenciada ao final da edição de 1987. Adverte que, ao contrário do que o título poderia dar a entender, o objetivo da obra não é abordar um tema particular, e sim explicar a criação de todas as sociedades a partir da religião enquanto fenômeno social. Afirma Portolés (2011, p. 228) que "escolher, como fazem Brown e Levinson, uma distinção sobre cultos australianos para justificar uma explicação universal da cortesia faz sentido, já que Durkheim também alimentava essa aspiração de universalidade."

Nessa obra, Durkheim diferenciou dois tipos de ritos: os negativos, que, identificados com os tabus, visam a limitar o contato entre o sagrado e o profano (natureza abstencionista); e os positivos, que, relacionados às festividades, visam à comunhão por meio da ingestão de elementos sagrados (natureza não abstencionista). A terminologia binária cortesia negativa e cortesia positiva tem suas raízes nessa distinção de Durkheim, mas os autores o fazem de forma indireta, por meio das noções goffmanianas de face e território (PORTOLÉS, 2011, p. 231), o que, por um lado, torna essa construção teórica altamente complexa e, por outro, gera ambiguidades e críticas fundamentadas.

Outra noção que gerou muitas críticas foi a de liberdade, que é central no conceito de cortesia negativa. A liberdade, "longe de ser um conceito facilmente apreensível, constitui um dos que apresentam maiores diferenças culturais e históricas" (PORTOLÉS, 2011, p. 225), razão pela qual a cortesia não pode ser explicada em todas as culturas pelo valor liberdade, tal qual forjado na tradição liberal anglo-saxônica, que está na base da Teoria da Polidez.

Nesse passo, Portolés (2011, p. 230) chama a atenção para os sentidos que a terminologia negativo/positivo também adquire na área política. Informa-nos que o filósofo e historiador das ideias russo-britânico Isaiah Berlin (1909-1997) proferiu, no ano de 1958, em Oxford, a conferência "Two concepts of liberty"¹⁴, na qual definiu dois tipos de liberdade, baseada nos textos clássicos do pensamento liberal: a liberdade positiva e a liberdade

¹⁴ Berlin ficou famoso por essa conferência e a publicou, em 1969, em *Four Essays on Liberty*. Uma vez falecido o autor, Henry Hardy incluiu esse livro na compilação *Liberty*, em 2002, uma obra que revela a importância do pensamento de Berlin, presente em qualquer antologia de Filosofia Política atual (PORTOLÉS, 2011, p. 231).

negativa¹⁵. A primeira se refere à liberdade de escolha dos governantes (democracia representativa), ao passo que a segunda se refere à liberdade individual. Esta última se associa diretamente à liberdade de ação e de imposição, definida por Brown e Levinson como face negativa.

Por fim, acerca das ideias que antecederam e influenciaram a Teoria da Polidez, devemos dizer que há teorias (não influentes) da cortesia que desconsideram a ideia central de liberdade, em franca linha de descontinuidade com a clássica Teoria da Polidez de Brown e Levinson, como, por exemplo, a teoria da cortesia desenvolvida por Richard Watts (2003)¹⁶, que não parte da ideia de liberdade nem de território, mas ainda não obteve recepção plena da comunidade de especialidade, a exemplo do que ocorreu com o modelo construído por Brown e Levinson, apesar das críticas e revisões.

Contribuições de Brown e Levinson: a Teoria da Polidez

Conforme já referimos, Brown e Levinson (1987[1978]) foram os linguistas que mais impulsionaram as pesquisas sobre cortesia, a partir da elaboração de uma teoria que parte de diferentes paradigmas filosóficos e linguísticos, em particulares interpretações de, por exemplo, Goffman (face, *face-work*), Durkheim (face positiva e negativa) e Berlin (liberdade), constituindo o maior esforço teórico do século XX acerca do tema da cortesia.

A noção de face (ou imagem) é central na Teoria da Polidez. Assim, Brown e Levinson (1987, p. 61) defendem que a face pode ser negativa ou positiva:

- (a) imagem negativa: reivindicação de territórios, reserva pessoal, direito a não distração, ou seja, liberdade de ação e liberdade de imposição;
- (b) imagem positiva: consiste em uma autoimagem ou 'personalidade' (crucialmente incluindo o desejo de que essa autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos participantes da interação.

Para a Teoria da Polidez, o objetivo é que ocorra a preservação da imagem de ambos os interactantes, isto é, embora haja vulnerabilidade, é de mútuo interesse que ambas as imagens sejam preservadas. Por isso, é comum na comunicação humana que se amenizem enunciados negativos e que se reforcem os positivos. Em um contexto de mútua vulnerabilidade da imagem, qualquer agente racional procurará evitar os atos ameaçadores da imagem, ou

¹⁵ A origem dessa diferenciação está no pensamento de Kant em *Crítica da Razão Prática* (1877) e Berlin retoma essa terminologia para elaborar a sua teoria (PORTOLÉS, 2011, p. 231).

¹⁶ Esclarece Portolés (2011, p. 238) que Watts (2003) não tem por base o liberalismo anglo-saxônico, mas a ideia de mercado de bens simbólicos de Pierre Bourdieu, assim como a concepção da cortesia como uma forma de pagamento, segundo o pensamento de Werkhofer (1992) e Ehlich (1992: 74).

empregará determinadas estratégias para minimizar a ameaça (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 68).

Portanto, a noção de cortesia em Brown e Levinson (1987), desenvolvida a partir da noção de face, abrange estratégias que têm por finalidade minimizar os efeitos dos chamados atos ameaçadores da face (*FTA – face-threatening acts*), no intuito de evitar conflitos entre os interlocutores ao estabelecer ou restabelecer o equilíbrio nas relações sociais. Entendem que os atos podem ser distinguidos entre aqueles que ameaçam a imagem positiva e aqueles que ameaçam a imagem negativa:

- Ameaçam a imagem positiva do locutor: reconhecimento das limitações e fraquezas pessoais, como pedir desculpas ou conselhos, admitir ou confessar algo;
- Ameaçam a imagem negativa do locutor: comprometer-se a realizar uma ação futura, aceitar um pedido de desculpas ou agradecimento, aceitar uma oferta;
- Ameaçam a imagem positiva do interlocutor: receber uma crítica, uma desaprovação ou insulto;
- Ameaçam a imagem negativa do interlocutor: ser alvo de um ato que ameace seu território, como perguntas indiscretas, conselhos que não foram solicitados, ordens, pedidos, cobranças, sugestões.

É preciso ressaltar que, de acordo com Brown e Levinson (1987), há três fatores sociológicos fundamentais para determinar o grau de cortesia que o locutor usa perante o seu interlocutor: a distância social entre os participantes do processo comunicativo (D); o poder relativo do interlocutor sobre o locutor (P) e o grau de imposição envolvendo os atos de ameaça à imagem em uma determinada cultura (R) (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 74).

Os autores apontam para a existência de estratégias que partem de premissas denominadas como cortesia positiva, cortesia negativa e *off record*. Trata-se de uma análise das escolhas de enunciados entre os participantes do processo comunicacional em relação às suas imagens.

A cortesia positiva é orientada de forma que se volte para a imagem positiva do coenunciador, dando a entender que existem interesses, desejos e valores comuns aos participantes da interação. Dessa forma, nesse caso, os atos ameaçadores de imagem são minimizados. São exemplos de estratégia de cortesia positiva mostrar-se interessado pelos interesses do outro, procurar um acordo, pontos em comum, evitar desacordo, ser simpático, aprovar o outro. A linguagem pode ser mais informal e é comum aparecerem marcas linguísticas que sugerem identidade de grupo.

Na cortesia negativa, por outro lado, o foco é voltado para a imagem negativa. O enunciador preserva o território do coenunciador e não irá interferir em sua liberdade de ação. São exemplos de estratégia de cortesia negativa mostrar respeito, pedir desculpas, ser discreto. Nesse caso, a linguagem tende a ser mais formal, uma vez que a distância social é maior.

Por fim, a cortesia *off record* é um ato aberto para interpretações, ou seja, evita que alguma responsabilidade caia sobre o enunciador, uma vez que a intenção comunicativa não é clara. Acontece quando se é ambíguo, contraditório, incompleto, irônico.

Brown e Levinson pretenderam criar um modelo de análise da cortesia de aplicação universal, ou seja, a todas as línguas e culturas, já que defendiam a existência de universais linguísticos de cortesia. A pretendida universalidade foi um dos pontos mais atacados pelas críticas que a Teoria recebeu ao longo dos anos.

Críticas e avanços a partir do modelo de Brown e Levinson

Em que pese a relevância e a sofisticação da Teoria da Polidez, esta sofreu inúmeras e variadas críticas. As mais profundas recaem sobre as noções de liberdade, território, face negativa e positiva, atos ameaçadores às faces, universalidade e trabalho de face (*face-work*).

As críticas à Teoria da Polidez começaram tão logo a primeira edição do trabalho de Brown e Levinson foi publicado, em 1978. Portolés (2011, p. 234) informa que, no ano de 1980, Schmidt, em resenha a esse trabalho, afirma que a visão de interação social de Brown e Levinson é muito pessimista e paranoica, sendo que "o adjetivo *paranoico* é retomado, embora como citação, por outros autores (Kasper, 1990:194; Kerbrat-Orecchioni, 1997:13; Watts, 2003:100; O'Driscoll, 2007:244)."

Nesse sentido, a linguista francesa Kerbrat-Orecchioni (1943-), pesquisadora da Universidade Lumière Lyon II, entende que a cortesia não se manifesta somente em situações em que estejam presentes atos de ameaça às faces do interlocutor, mas também em atos como elogios e agradecimentos, que podem valorizar a imagem social do interlocutor. Assim, a pesquisadora agrega a noção de *FFA* (*face-flattering acts* – atos valorizadores da face), pois entende que a interação não é marcada apenas por atos que ameaçam a face (*FTA*), mas também por atos que a valorizam (*FFA*). Trata-se da cortesia valorizadora ou positiva, em contraposição à cortesia atenuadora ou negativa, que ocorre quando as estratégias de cortesia decorrem da potencial ameaça às faces do interlocutor. Segundo a autora, a cortesia positiva é de natureza produtiva e a negativa é de natureza abstencionista ou compensatória (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 82-3).

Ao propor novos passos de abordagem metodológica, a revisão de Kerbrat-Orecchioni (1992, 2006), bem como dos pesquisadores a seguir, pode ser compreendida como parte da camada técnica.

Diana Bravo¹⁷ (1955-), linguista da Universidade de Estocolmo que estuda a cortesia em língua espanhola, questiona as noções de liberdade, preservação do território e de face. Afirma que nem todos os interactantes estão preocupados com sua liberdade de ação ou em preservar seu território pessoal, tampouco em obter aprovação ou que alguém compartilhe dos mesmos gostos e interesses. Os atos que ameaçam as imagens positiva e negativa dependem de fatores socioculturais e a autora defende que, da maneira sugerida, esses só poderiam ser aplicados em algumas sociedades de língua inglesa. Nesse sentido, sugere um elemento que batiza de *hipótese sociocultural*: para identificar um enunciado como cortês ou descortês, deve-se reconhecer que a cortesia ou a sua ausência não são intrínsecas às frases ou expressões previamente definidas (BRAVO, 2003a).

A respeito do conceito de imagem, Bravo (1999, 2003a) propõe um aperfeiçoamento em relação às noções de Brown e Levinson (1987) e desenvolve as noções de *autonomia*, que "abrange todos aqueles comportamentos que estão relacionados ao modo como uma pessoa deseja se ver e ser vista pelos demais como um indivíduo com contorno próprio dentro do grupo", e de *afiliação*, que "reúne aqueles comportamentos que indicam como uma pessoa deseja se ver e ser vista pelos demais em relação àquelas características que a identificam com o grupo" (BRAVO, 2003a, p. 106).

Já Nieves Hernández Flores (1958-), pesquisadora da Universidade de Copenhague, aponta que Brown e Levinson não levam em consideração a face do falante quando tratam das estratégias de cortesia, ao que se opõe porque entende que "a face (imagem) do falante é afetada da mesma forma que a do destinatário, pois, embora a cortesia tente satisfazer os desejos de imagem do outro, ao mesmo tempo, está satisfazendo os seus próprios" (HERNÁNDEZ FLORES, 2004, p. 95). Assim, a sua proposta de cortesia é uma tentativa de equilíbrio das imagens de ambos os interactantes, entendida como um modelo de comportamento comunicativo a ser alcançado na interação.

Por sua vez, o linguista espanhol Antonio Briz Gómez (1958-), em coautoria com Marta Albelda Marco (1970-), ambos pesquisadores da Universidade de Valência, propõe uma nova forma de conceituar a cortesia (ainda partindo da noção de face), a partir de um conceito maior,

¹⁷ Diana Bravo é pioneira nos estudos de cortesia em espanhol e é responsável pelo Programa EDICE (Estudos sobre o Discurso da Cortesia em Língua Espanhola), que promove congressos internacionais periódicos, um movimento importante para a coesão identitária desse grupo de especialidade, que surgiu para fomentar o desenvolvimento de pesquisas em cortesia em/sobre língua espanhola, frente aos numerosos estudos em/sobre língua inglesa.

o de atenuação linguística (BRIZ e ALBELDA, 2013). Considerando esse estudo como uma teoria complementar, podemos destacá-lo como a presença, na história dos estudos linguísticos, de outra camada teórica na perspectiva da Historiografia Linguística.

Os linguistas desenvolvem um conceito de atenuação que diferencia atenuação e cortesia, firmando um discurso identitário, assim como os demais pesquisadores em língua espanhola, em frontal ruptura com o modelo da Teoria da Polidez, que, segundo os autores, confunde cortesia com *face-work* (trabalho de face), pois entendem que há enunciados atenuadores com cortesia e sem cortesia, a depender do direcionamento das imagens na interação. Nos trabalhos de Briz há uma veemente oposição à Teoria da Polidez, desenvolvida por Brown e Levinson, enquanto representante da cultura anglo-saxônica, que, segundo entendem, está longe da pretendida abordagem universal aplicável a todas as línguas.

Como vemos, outro aspecto revisitado após o modelo de Brown e Levinson (1987) foi a questão da universalidade (todo enunciador e coenunciador possuiriam uma imagem negativa e uma positiva). Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 102) defende a universalidade da cortesia, uma vez que, segundo ela, todas as sociedades apresentam determinados comportamentos responsáveis por manter a harmonia na interação. No entanto, quando se consideram as condições de aplicação das estratégias cortesias, a cortesia deixa de ser universal, pois cada sociedade enquadra-se em variações culturais distintas.

Bravo (2003a) diz que, por se tratarem de princípios humanos, supostamente seriam universais, ao contrário da divisão face positiva e negativa. Além disso, o que diferencia a proposta de Bravo (1999) da noção construída por Brown e Levinson (1987) é que esses conceitos não devem ser vistos como categorias de diferenciação, mas como categorias inicialmente vazias, a serem preenchidas no processo de análise, conforme contextos específicos.

No contexto das discussões sobre universalidade, muitos estudiosos da cortesia em língua espanhola apontam que a Teoria da Polidez possui um fundamento etnocentrista (BRAVO, 2003b, p. 10), argumento corrente e integrante da formação de um discurso identitário desse grupo de especialidade no sentido de que a cortesia deve ser investigada sem as marcas ideológicas deixadas pelo liberalismo anglo-saxão na Teoria da Polidez, que julgam não servir à análise dos fenômenos de cortesia em todas as línguas e culturas¹⁸.

De outra parte, há estudiosos que apontam que Brown e Levinson não retrataram a questão da descortesia, apesar de atos descortesias serem uma constante em certos tipos de

¹⁸ Nesse sentido, é digno de destaque o tema do Primeiro Colóquio do Programa EDICE, realizado no ano de 2002 em Estocolmo: "A perspectiva não etnocentrista da cortesia: identidade sociocultural das comunidades hispanófonas".

interação. Nos processos comunicacionais descorteses, a intenção é prejudicar a imagem do coenunciador, mas, em geral, ambas as imagens são prejudicadas (do enunciador e do coenunciador). Ainda assim, há interações nas quais o que se busca é a valorização da própria imagem por meio do menosprezo à imagem dos demais interactantes, casos em que a descortesia torna-se a regra, já que consiste em uma estratégia interacional: "Em geral, a cortesia é o procedimento socialmente aceitável ou o politicamente correto. Em determinados tipos de discurso, no entanto, o conflito, a crítica e o ataque pessoal desempenham papel importante para o sucesso da interação" (SILVA, 2013, p. 102).

O linguista inglês Jonathan Culpeper (1965-), professor da Universidade de Lancaster, apontou a ausência de preocupação dos estudos da cortesia em tratar do fenômeno da descortesia, que se traduz em uma extensão da teoria prévia, enquadrando-se na camada teórica a partir de uma perspectiva historiográfica. Em seu modelo, o interlocutor pode responder ou não ao ato descortês. Em caso de resposta, ele pode contrariar ou aceitar o ato. Caso escolha contrariar, pode fazê-lo de maneira ofensiva (o interlocutor, com a imagem ameaçada, ataca aquele que lhe proferiu um ato descortês) ou defensiva (o interlocutor procura defender a própria imagem por meio de recursos diversos, como ignorar o ato descortês ou responsabilizar outros). Caso escolha aceitar o ato de descortesia, mediante um pedido de desculpas, o interlocutor assume a responsabilidade de ter sido vítima de um ato descortês (CULPEPER, 1996).

As estratégias para a descortesia dividem-se em: direta, quando colocada de maneira clara; positiva, quando fere a imagem positiva; negativa, quando fere a imagem negativa; dissimulada, quando o enunciado parece cortês, mas é irônico ou sarcástico; não-cortesia, quando se trata da ausência de cortesia em contextos nos quais essa é esperada (CULPEPER, 1996).

Em meio às demais possíveis categorias entre cortesia e descortesia, há, ainda, pesquisadores (ZIMMERMANN, 2003; CULPEPER, 2005; BERNAL, 2007, 2008) que defendem a anticortesia ou pseudocortesia que, em resumo, são os "[...] atos de fala que empregam formas e procedimentos descorteses com os que se ataca a imagem do outro, mas que o contexto neutraliza a potencial ofensa" (ALBELDA e GARCÍA, 2013, p. 25). Trata-se de novas facetas de uma camada teórica.

Ainda sobre descortesia, Kerbrat-Orecchioni (2014) considera que esse fenômeno ocorre quando não há qualquer marcador cortês esperado em determinada situação ou, ainda, quando há uma marca efetiva de descortesia, como um insulto. Para ambas ocorrências (cortesia e descortesia), é preciso que se tenha em vista o contexto no qual a interação se insere.

Tendo dito isso, apresentam-se as novas categorias de atos corteses e descorteses propostas por ela:

- **Hipercortesia:** quando há marcas excessivas de cortesia em um enunciado, tornando-o não apropriado para o contexto. Agregando à hipercortesia o tom de sarcasmo ou ironia, essa passa a ser entendida como descortesia;
- **Não-cortesia:** falta de cortesia aceita e considerada pelo contexto como "normal". É considerado um enunciado nem cortês, nem descortês, mas adequado à situação na qual se insere;
- **Polirruidez:** categoria sugerida para nomear dados a partir da coleta feita em análise, que combina cortesia e descortesia, de acordo com variadas particularidades (KERBRAT-ORECCHIONI, 2014, p. 52-54).

A proposta de desenvolvimento de categorias de análise pode ser compreendida como novos passos metodológicos, fazendo, assim, parte da camada técnica, de acordo com a proposta de Swiggers (2004) para a abordagem historiográfica.

Considerações finais

A Teoria da Polidez de Brown e Levinson representa um importante esforço teórico e metodológico que, inserida em um contexto de rupturas epistemológicas inauguradas por novas áreas da Linguística, como a Pragmática, trouxe para o centro das atenções um fenômeno linguístico sobre o qual nenhum pesquisador havia se debruçado de forma tão intensa: a cortesia. Uma teoria dessa envergadura não nasce no vácuo (como, de resto, nada em linguagem). Ao contrário, nasce como fruto de reflexões anteriores, como uma resposta às ideias que vieram antes dela, colocando-se no fluxo das ideias linguísticas e filosóficas que, em linha de continuidade ou descontinuidade, se delineavam em meados do século XX, no marco da chamada virada pragmática dos anos 1960, um movimento decisivo para os contornos da Linguística atual ao promover uma verdadeira mudança de paradigmas nos estudos linguísticos.

O mérito de Brown e Levinson, além da escolha de um aspecto da linguagem novo para o seu estudo – a despeito de tentativas anteriores, como a teoria desenvolvida por Lakoff (1973), que não pretendeu ser um estudo tão amplo quanto o de Brown e Levinson, mas que constitui um importante antecedente –, foi, exatamente, a construção de um modelo teórico sofisticado e completo, uma teoria de fôlego que, apesar de apresentar vários conceitos polêmicos, ambíguos ou confusos, foi recepcionada com tamanha força que, até hoje, apesar

das inúmeras revisões e críticas que sofreu, continua a ser a principal teoria da cortesia, citada e referenciada na imensa maioria dos trabalhos da área.

Outro grande mérito da Teoria da Polidez foi romper com a tradição de estudos de base estruturalista vigente à época, que privilegiava o sistema (forma, estrutura) em detrimento da função (uso) e que excluía o falante e a sua fala (o uso da língua) como objetos de estudo científico. No entanto, devemos ressaltar que essa inclusão não se deu de forma orgânica como, mais tarde, ocorreu com as diferentes correntes pragmáticas, que foram se ocupando, de forma mais específica, da conversação, da interação e do discurso.

A Teoria da Polidez tratou de um falante real, mas esteve muito preocupada em construir um modelo, o que não prescinde de um falante ideal ou idealizado. Incluiu o falante, mas não deu conta do processo interacional de forma completa e dinâmica, deixando de englobar, por exemplo, os efeitos dos atos corteses no próprio locutor que os produziu, bem como a reverberação dos atos de cortesia na própria situação fática em que foram produzidos.

Apesar de terem incluído no seu estudo línguas tão distantes do inglês como o tsetzal e o tamil, Brown e Levinson, ao apresentaram as estratégias de cortesia, fizeram-no sob a forma de *numerus clausus* (ainda que não o reconheçam ao longo do texto e afirmem que o modelo levou em consideração as variações culturais), como se fosse uma lista fechada de exemplos cuja compreensão está na dependência do compartilhamento dos valores sociais e culturais que embasam a teoria e a língua que veicula essa teoria, como a liberdade de matriz anglo-saxã, sob pena dessas estratégias não serem interpretadas e nem sequer identificadas como cortesia linguística.

Ao pintarem a sua Teoria da Polidez com cores tão locais quanto o amor à liberdade individual da tradição liberal norte-americana, seus idealizadores talvez não imaginaram que a sua teoria não seria recepcionada, em outras latitudes do mundo, como um modelo de aplicação universal, tal qual pretenderam. Neste ponto residiram críticas contundentes e bem fundamentadas, pois a teoria foi acusada de etnocentrismo. Eis o mote que impulsionou o crescimento e a coesão de um grupo de especialidade que, antes dos anos 2000, não era tão expressivo quanto viria a ser em poucos anos: a comunidade linguística de origem hispânica. Foi em língua espanhola que a Teoria da Polidez foi mais revisitada e criticada, desde as mais diversas abordagens, na tentativa de demonstrar teoricamente que outro modelo era necessário surgir. De fato, surgiram outros modelos; contudo, nenhum teve a mesma recepção na comunidade de especialidade que outrora teve (e continua tendo) a Teoria da Polidez.

Por fim, devemos dizer que a área dos estudos de cortesia é muito jovem em termos históricos e que, atualmente, está em curso um grande movimento teórico que revela uma não

acomodação de suas noções basilares, reflexo das inúmeras revisões teóricas que vem se apresentando no início do século XXI nas mais diferentes línguas e culturas. Essas revisões fazem girar a roda da ciência, que ressignifica conceitos e métodos ao longo do tempo, como ocorreu e segue ocorrendo com a Teoria da Polidez, exemplo dos movimentos circulares de continuidades e descontinuidades inerentes à construção do conhecimento científico. A visão historiográfica que lançamos sobre os estudos de cortesia linguística no presente trabalho tem muito a contribuir nesse sentido.

Referências bibliográficas

ALBELDA, Marta e BARROS GARCÍA, María Jesús. *La cortesía en la comunicación. Cuadernos de Legua Española*. Madrid: Arco Libros, 2013.

ALLAN, Keith (ed.). *The Oxford Handbook of The History of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/USP, 1998.

AUSTIN, John Langshaw. *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à Pragmática: a linguagem e seu uso*. São Paulo: Mackenzie, 2012.

_____. A Historiografia da Linguística e a retórica dos linguistas: a força das palavras e seu valor histórico. *Filologia Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 301-317, ago./dez. 2016.

_____. *A linguagem e os falantes: ideias linguísticas e sua história*. São Paulo: Mackenzie, 2017.

BERNAL, Maria. *Categorización sociopragmática de la cortesía y de la descortesía: un estudio de la conversación coloquial española*. Estocolmo: Universidade de Estocolmo, 2007.

_____. Do insults always insult? Genuine impoliteness versus non-genuine impoliteness in colloquial Spanish. *Pragmatics*, 18 (4), 2008, p. 751-802.

BRAVO, Diana. ¿Imagen positiva vs. imagen negativa?: Pragmática social y componentes de la face. *Oralia*, 2, 1999, p. 155-184.

_____. Actividades de cortesía, imagen social y contextos socioculturales: una introducción. In: BRAVO, Diana (Ed.). *La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes*. Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE. Estocolmo: Edice, 2003a, p. 98-108.

_____. Presentación. In: BRAVO, Diana (Ed.). *La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes*. Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE. Estocolmo: Edice, 2003b, p. 8-15.

BRIZ, Antonio; ALBELDA, Marta. Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN). *Onomázein*. Santiago (Chile), n. 28, 2013, p. 289-319.

BROWN, Penelope e LEVINSON, Stephen C. *Universals in language usage: politeness phenomena*. In E. Goody (Ed.), *Questions and politeness: strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 56-310.

_____. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CULPEPER, Jonathan. Toward an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, 1996, p. 349-367.

_____. Impoliteness and entertainment in the television quiz show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research*, 1, 2005, p. 35-72.

GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays on the face-to-face behaviour*. Nova York: Pantheon, 1967.

GRICE, Herbert Paul. *Logic and Conversation*. In: Cole, P.; Morgan, J. (eds.). *Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975. (Volume 3: syntax and semantics).

_____. *Lógica e Conversação*. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Campinas: Editora da Unicamp, v. IV, 1982.

HERNÁNDEZ FLORES, Nieves. La cortesía como la búsqueda del equilibrio de la imagen social. In: BRAVO, Diana e BRIZ, Antonio. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel Lingüística, 2004, p. 95-108.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales - tome II*. Paris: A. Colin, 1992.

_____. ¿Es universal la cortesía? In: BRAVO, Diana e BRIZ, Antonio. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel Lingüística, 2004, p. 39-53.

_____. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. Trad. de Carlos Piovenazi Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. In: SEARA, Isabel Roboredo (coord.). *Cortesía: olhares e (re)invenções*. 1. Ed. Lisboa: Editora Chiado, 2014, p. 47-82.

KOERNER, Konrad; ASHER, Ronald (eds.) *Concise History of the Language Sciences*. Oxford: Pergamon, 1995.

LAKOFF, Robin. The logic of politeness: or minding your p's and q's. *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 1973, p. 292-305.

LEECH, Geoffrey. *Principles of pragmatics*. London, 1983.

NERLICH, Brigitte; CLARKE, David. *Language, Action and Context*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras v. 2*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 55-77.

PORTOLÉS, José Lázaro. Cortesía pragmática e historia de las ideas: *face y freedom*. *Onomázein*. Santiago (Chile), n. 24, 2011/2, p. 223-244.

SEARLE, John Rogers. *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SILVA, Luiz Antônio da. Descortesia e (des)construção da imagem pública. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (orgs.). *Comunicação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 93-119.

SWIGGERS, Pierre. História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações. *Eutomia*, Ano III, Volume 2, 2010, p. 1-17.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. In: CORRALES ZUMBADO, C.; DORTA LUIS, J. et al. (eds.). *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística*. Madrid: Arco Libros, 2004, p. 113-146.

VILLAÇA, Ingedore Grunfeld e BENTES, Anna Christina. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, Dino (Org.). *Cortesía verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008, p. 19-48.

WATTS, Richard. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WIERZBICKA, Anna. Different cultures, different languages, different speech acts: Polish vs. English. *Journal of Pragmatics*, 9(2-3), 1985, p. 145-178.

ZIMMERMANN, Klaus. Constitución de la identidad y anticortesía verbal entre jóvenes masculinos hablantes de español. In: BRAVO, Diana (ed.). *Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE*. Estocolmo: EDICE, 2003, p. 47-59.

POLITENESS STUDIES UNDER A HISTORIOGRAPHY PERSPECTIVE

ABSTRACT: Based on the contributions of Linguistic Historiography, this paper aims to examine how politeness arises as an object of scientific study and how, since Brown and Levinson (1978, 1987), as well as its predecessors, a theory of politeness has been historically constituted, in movements of continuities and discontinuities, considering previous knowledge. To that end, the main methodological approach adopted is the concept of layers proposed by Pierre Swiggers (2004, 2010), with emphasis on the technical and theoretical layers. From this bias, we will present how the history of this field of

specialty - linguistic politeness - has been built since the 1970s, constituting itself through ruptures among these layers.

Keywords: Linguistic Historiography. Pragmatic. Politeness. Brown and Levinson

Envio: março/2019

Aceito para publicação: abril/2019

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267